

Estudos organizacionais pós-modernos: uma bibliometria no novo milênio
Organizational studies in post-modernity: a bibliometric study in the new millennium
Estudios organizacionales en post-modernidad: un estudio bibliométrico en el nuevo milenio

Recebido: 02/12/2020 | Revisado: 09/12/2020 | Aceito: 13/12/2020 | Publicado: 15/12/2020

Marcelo Oliveira Júnior

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9683-4306>

Universidade Federal de Lavras, Brasil

E-mail: marcelooli333@gmail.com

Ana Luíza Cordeiro Pereira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7178-6552>

Universidade Federal de Lavras, Brasil

E-mail: analuizacordeiro96@gmail.com

Rafael Rodolfo Sartorelli Sadocco

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2051-379X>

Universidade Federal de Lavras, Brasil

E-mail: rafael.sadocco@gmail.com

Juliana de Oliveira Becheri

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2404-6535>

Universidade Federal de Lavras, Brasil

E-mail: julianabecheri@gmail.com

Alberdan José da Silva Teodoro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9315-218X>

Universidade Federal de Lavras, Brasil

E-mail: alberdanteodoro2016@gmail.com

Resumo

Neste artigo buscamos entender qual tem sido o escopo da produção científica sobre organizações na pós-modernidade. Para tal, recorreremos a um estudo quantitativo (bibliometria), recuperando artigos científicos indexados à base de dados Web of Science, no período entre 2000 e 2018. Após a aplicação dos critérios de filtragem, selecionou-se 432 trabalhos, os quais foram analisados pelo *software VOSviewer*. Dentre os resultados, destaca-

se a comportamento das produções científicas sobre o tema no intervalo temporal, os periódicos e autores mais citados, bem como a sugestões para a realização de estudos futuros. Concluímos que os estudos organizacionais na pós-modernidade continuam atraindo muita atenção da academia, posto que no intervalo de tempo proposto, foi possível detectar nesse intervalo de tempo, um crescimento no número de publicações sobre o tema. Desse modo, supomos que esse número tende a crescer, abarcando cada vez mais novos temas, o que indica a possibilidade de que os estudos sobre as organizações na pós-modernidade sejam ainda mais explorados no futuro.

Palavras-chave: Pós-modernismo; Organizações; Bibliometria; Estudos organizacionais.

Abstract

In this paper, we look forward to understand what is the scope of scientific production about organizational studies on postmodernity. In order to achieve it, we perform a quantitative study (bibliometric), retrieving scientific articles indexed in the Web of Science base, in the period between 2000 and 2018. After applying several filters, we arrived at 432 works that were analyzed by the VOSviewer software. Among other points, we expose the oscillation of productions on the theme without a time interval, the main journals, the most cited authors and the suggestions for future studies raised by these papers. We concluded that organizational studies in postmodernity continue with a lot of attention from academia, since it was possible to detect a growth in the number of publications on the subject in this time frame, and, with this, we have assumed that this number tends to grow, encompassing more new themes, which indicates the possibility that the theme will be further explored in the future.

Keywords: Postmodernism; Organizations; Bibliometrics; Organizational studies.

Resumen

En este artículo buscamos comprender el alcance de la producción científica sobre las organizaciones en la posmodernidad. Para ello, se utilizó un estudio cuantitativo (bibliometría), recuperando artículos científicos indexados a la base de datos Web of Science, en el período comprendido entre 2000 y 2018. Tras aplicar varios filtros, llegamos a 432 trabajos que fueron analizados por el *software VOSviewer*. Entre otros puntos, se expuso la oscilación de producciones sobre el tema en el intervalo de tiempo, las principales revistas, los autores más citados y las sugerencias para futuros estudios que plantean estos trabajos. Concluimos que los estudios organizacionales en la posmodernidad continúan atrayendo

mucha atención desde la academia, ya que se pudo detectar en ese tiempo, un crecimiento en el número de publicaciones sobre el tema y, con ello, asumimos que este número tiende a crecer, abarcando cada vez más nuevos temas, lo que indica la posibilidad de que los estudios sobre las organizaciones en la posmodernidad se exploren más en el futuro.

Palabras clave: Posmodernismo; Organizaciones; Bibliometría; Estudios organizacionales.

1. Introdução

No final do século XVIII pôde-se observar novas formas de organização social, comunicação e transporte. Além disso, um processo de urbanização em massa ganhou força, reconfigurando a sociedade (Reed, 1999). Concomitantemente a esse fenômeno, o chamado período de modernidade passou a transparecer e, autores como Taylor (1915), Fayol (1949), Urwick e Brech (1947) começaram a defender que a sociedade e as unidades organizacionais são regidas por leis científicas, capazes de erradicar a subjetividade humana.

A razão foi proclamada como o meio pelo qual o homem seria livre de pressupostos que regessem sua vida (Cooper & Burrell, 2006). Assim, as tomadas de decisões estariam apoiadas sob uma análise racional das opções disponíveis, amparada pelo conhecimento qualificado e orientado pelo aparato legal estabelecido. Dessa forma, a organização moderna, racional e burocrática passou a ser moralmente legitimada, pois se baseava em uma autoridade racional-legal e em um aparato científico, evitando, assim, qualquer avaliação moral ou debate político sobre sua atuação.

O resultado desse fenômeno foi que a sociedade passou a se desvincular cada vez mais dos costumes e crenças que até então norteavam suas práticas (Silveira, 2008). A racionalidade, enquanto meio pelo qual o homem faz uso da razão para entendimento de sua realidade passou a vigorar em meio a maioria das ciências. Nesse sentido, indivíduos e organizações passaram a se comportar mediante a ciência numa perspectiva positivista, isto é, valorizando a experimentação empírica (Silveira, 2008).

Por outro lado, o emprego da racionalidade “pura” nas tomadas de decisões das organizações começou a ser questionado, haja vista a racionalidade limitada do indivíduo, que pode possibilitar que diversos interesses estejam acima dos organizacionais, implicando numa decisão final não tão lógica como esperada (Simon, 1950). Complementando, Silveira (2008) e Miller, Hicskon e Wilson (2004) mostram que, embora se perpetue a racionalidade dentro das organizações, a falta de conhecimento adequado sobre as alternativas, a demanda elevada das tomadas de decisões, a complexidade das organizações e o próprio caráter delicado do

tema, propiciam, para que até os dias atuais, exista o choque entre a razão e emoção tanto do ponto de vista teórico como prático.

Dado este contexto, as ciências sociais, incluindo os estudos organizacionais, têm sido influenciados por diversas perspectivas teóricas que exigem reflexividade para a constituição da própria “teoria”, além dos aspectos institucionais, sociais e políticos de tal constituição. Neste sentido, o pós-modernismo tem sido usado para identificar muitas dessas perspectivas, pois elas parecem compartilhar algumas características, dentre elas: a preocupação com a linguagem e a representação e uma reconsideração da subjetividade e do poder (Calás & Smircich, 1999a).

Contudo, Calás e Smircich (1999a) ao citarem Umberto Eco, Eduard Kaplan, Vicent Leitch e Martin Parker, acabaram por considerar que o pós-modernismo estaria esgotado no final do século XX, principalmente em decorrência de suas limitações, com destaque para a falta de engajamento político e afastamento da realidade. Ademais, a maioria dos teóricos organizacionais que têm se debruçado sobre esse tema têm apresentado equívocos que dificultam as análises organizacionais, quer seja do ponto de vista teórico-metodológico, quer seja do ponto de vista empírico (Souza, 2012).

Assim, ao considerarmos como objeto de estudo a pós-modernidade e como unidade de análise os estudos publicados sobre as organizações nesse período sócio-histórico, pergunta-se: “Qual tem sido o escopo da produção científica sobre as organizações na pós-modernidade no novo milênio?”. De modo a responder tal questionamento, estabelecemos o seguinte objetivo: analisar o escopo das publicações realizadas sobre as organizações na pós-modernidade entre os anos de 2000 e 2018. Nesse sentido, consideramos pertinente analisar se o esgotamento do tema realmente ocorreu conforme mencionado por Calás e Smircich (1999b), ou se as produções ainda perduram neste início de século.

O presente trabalho foi estruturado da seguinte forma: (1) introdução, onde contextualizamos o tema, apresentamos o problema de pesquisa e a justificativa do estudo; (2) referencial teórico, em que buscamos elucidar o leitor sobre aspectos considerados relevantes para a compreensão da pesquisa; (3) metodologia, onde demonstramos os delineamentos pelos quais o estudo foi realizado; (4) resultados e discussões, em que analisamos os dados obtidos e discutimos sob à luz da literatura pertinente; e, finalmente, (5) conclusões, onde retomamos o problema de pesquisa, apontamos as limitações do trabalho e sugerimos uma agenda de pesquisa.

2. Referencial Teórico

2.1 Desenvolvimento do modernismo: fundamentos conceituais e históricos

Em meados dos séculos XVIII e XIX, o capitalismo industrial se firmou como sistema econômico soberano e a sociedade então, passou cada vez mais a buscar a (e pautar-se na) industrialização (Reed, 1999). Em virtude desse fato, a racionalidade passou a determinar a forma pela qual a sociedade encararia a si e ao mundo. A racionalidade era decorrente de um movimento de abandono das antigas práticas pautadas em crenças, introduzindo com isso, lógica às ações humanas, e, conseqüentemente, às práticas organizacionais (Silveira, 2008).

Já no início do século XX surge a Administração como disciplina, assumindo essa premissa de que princípios científicos deveriam ser aplicados às práticas organizacionais. Mattos (2009) sugere que a “administração enquanto ciência” evoca significado relacionado à racionalização das práticas administrativas, muito em função do positivismo que reinou por mais de dois séculos, propondo que a ciência empírica deveria ser amparada pela experimentação racional.

Cooper e Burrell (2006) apontam que o modernismo apresenta duas versões: (1) o modernismo crítico, que tem como expoente Jürgen Habermas, cujo trabalho tem sido recuperar o espírito do racionalismo iluminista por intermédio do discurso. Nas palavras desses autores, “para Habermas, o discurso do mundo da vida comum é a base do seu modernismo crítico, e é por meio da ‘linguagem da comunidade’ que podemos reencontrar o sentido do iluminismo, hoje perdido, que Kant primeiramente nos revelou” (p. 91); (2) já o modernismo sistêmico sugere uma instrumentalização da razão, cunhada por Saint-Simon e Comte. Nessa perspectiva, a racionalidade se baseia na teoria como forma de conduzir ações à resultados prediletos, considerando-se variadas alternativas concorrentes, num contexto de transformação social que busca larga escala na produção industrial, caracterizando as organizações como subsistemas que colocam em prática a racionalidade funcional.

As teorias administrativas que abrolhavam nesse início de século continham em si um caráter prescritivo. Os princípios científicos foram considerados necessários para o funcionamento efetivo e eficiente da ordem social, fundamentada em autoridade racional-legal (Kallinikos, 2004). A Administração Científica de Frederick Taylor e a Administração Clássica de Henri Fayol são exemplos de como os mecanismos de controle racionais se enraizavam na Administração (Reed, 1999; Silveira, 2008; Hatch, 2011). Ademais, observa-se o destaque de Fayol nos estudos organizacionais, sobretudo na dimensão gestão, haja vista

suas propostas de delimitação das funções do administrador e do ensino de administração como disciplina (Lima, Pereira, Evaristo & Batista-dos-Santos, 2020).

Mais tarde, em meados dos anos 30, a Escola das Relações Humanas emergiu como uma forma de contraponto às teorias existentes, colocando o sujeito no centro das discussões (Reed, 1999). Essas perspectivas foram levadas em consideração na Teoria de Sistemas, que trouxe uma visão sociotécnica às análises organizacionais, além de expandi-la ao introduzir o ambiente como elemento de influência nas organizações (Prestes Motta, 1971). Como forma de conciliar essas abordagens, mas sem perder seu valor próprio, a Teoria da Contingência nasceu em meados das décadas de 1950 e 1960 propondo uma forma de teorização que decorre de estudos empíricos (prática organizacional). Donaldson (1999) sugere que a Teoria da Contingência explicava como as organizações transpunham inadequações com contingências ambientais, reformulando suas estruturas.

Embora a partir dessas teorias o ambiente tenha ganhado destaque, ele ainda se mantinha como um elemento estático. Dessa forma, as organizações agiam de maneira reativa aos estímulos ambientais (Donaldson, 1999). Essas teorias, embora significativas para os estudos organizacionais (sobretudo por sua permanência até os dias de hoje) não explicavam – principalmente por considerarem o ambiente como elemento de influência parcial nas estruturas organizacionais –, porém, “por que existem tantos tipos de organizações?” (Hannan & Freeman, 2005, p. 75). Assim, a Ecologia Populacional surgiu assumindo que as organizações “nascem” e “morrem” em função da sua capacidade de adaptação ao processo de seleção do ambiente onde atuam. Nesse sentido, o ambiente que, como supracitado, era tido como estático, passa a ter mais participação na estruturação das organizações, selecionando-as a partir das formas organizacionais mais adequadas a ele.

Esse caráter competitivo intrínseco à perspectiva ecológica, contudo, pode, na verdade, ser entendido de outra maneira. À medida em que as organizações passam a apresentar características similares às do ambiente, elas adquirem similaridades entre si. As populações de organizações adquirem certa homogeneidade estrutural, e então, passam a constituir um campo organizacional (Dimaggio & Powell, 2005). O campo organizacional pode ser entendido como uma unidade entre organizações que buscam simetria de funcionamento e estrutura para sobreviverem ao ambiente. Essas similaridades decorrem do isomorfismo estrutural (Hannan & Freeman, 2005; Machado-da-Silva, Guarido Filho & Rossoni, 2006).

2.2 Desenvolvimento do pós-modernismo e seus desdobramentos

Apesar das diferenças entre as várias correntes teóricas modernistas citadas acima, Cooper e Burrell (2006) mostram que todas compartilham a visão de mundo como algo lógico, cujo significado advém da razão. Entretanto, Lyotard (1986) destaca que já na década de 50, era possível perceber mudanças na ciência e na academia, com destaque para a crise da ciência e da verdade, ocasionada principalmente pelas transformações tecnológicas sobre o saber. Como mostra o autor, conceitos como razão, sujeito, totalidade, verdade e progresso, que foram os pilares do pensamento moderno, passaram a ser questionados. No entanto, alguns estudos organizacionais só passaram a enfatizar o pós-modernismo a partir da década de 80, sendo os estudos de Smircich e Calás publicado em 1987 e o de Cooper e Burrell publicado em 1988 (Alvesson & Deetz, 1999).

Calás e Smircich (1999a) destacam que com a disseminação de argumentos sobre a existência de múltiplas ontologias e paradigmas epistemológicos, como os apresentados por Astley e Van de Ven (2005) e Burrell e Morgan (1979), em adição ao interesse crescente por temáticas como cultura organizacional e simbolismo, o paradigma positivista-funcionalista, até então dominante, foi confrontado pelas perspectivas interpretativas e críticas. Assim, os estudos organizacionais, bem como as demais ciências sociais, foram direcionados às perspectivas vinculadas à reflexividade, que, para Calás e Smircich (1999a), caracterizam as perspectivas pós-modernistas, as quais apresentam forte preocupação com a linguagem e representação, e reconsideram a subjetividade e o poder.

Sobre isso, Vieira e Caldas (2006) mostram que para os estudiosos pós-modernistas a racionalidade é mais difusa do que o Iluminismo supunha, e o conhecimento só pode ser entendido quando considerado o contexto histórico e social. De acordo com Alvesson e Deetz (1999), apesar das diferentes versões e utilizações do termo “pós-moderno”, certas perspectivas se apresentam de maneira interconectada entre estas múltiplas visões, são elas: a centralidade do discurso, sendo destacado o poder constitutivo da linguagem, em que o discurso produz os objetos; identidades fragmentadas, em que a subjetividade é tida como um processo e a visão essencialista das pessoas é substituída pela produção discursiva do indivíduo; a crítica da filosofia da presença e representação, ao passo que as incertezas relacionadas a linguagem passam a ter primazia sobre a própria linguagem, de modo a refletir a realidade e transmitir significado; a perda do poder das grandes narrativas, sendo priorizado o enfoque nas múltiplas vozes e políticas locais; a conexão poder/conhecimento, ao passo que ao ser tidos como inseparáveis, o conhecimento passa a ser visto como forma de poder,

deixando assim de ser neutro; a hiper-realidade, isto é, a valoração da simulação em detrimento da realidade; e a busca por resistência e indeterminação, sendo a racionalidade, previsibilidade e ordem substituídas pelo jogo e ironia.

O pós-modernismo, então, é entendido como um movimento sócio-histórico que divide as opiniões de diversos autores (Alvesson & Deetz, 1999; Calas & Smircich, 1999b), que de um lado apontam para um rompimento com o modernismo, e de outro, sugerem que na verdade há uma continuidade do modernismo. Para Calás e Smircich (1999a), o pós-modernismo apresenta como principais limitações a falta de engajamento político e certo distanciamento do mundo real. Como mostram Astley e Van de Ven (2005), Reed (1999) e Hatch (2011), as teorias surgem de forma a mitigar as limitações ocorrentes nas perspectivas até então vigentes, com o intuito de atender as demandas da sociedade, frente ao contexto vivenciado por ela. Nesse aspecto, Calás e Smircich (1999b) destacam o surgimento de abordagens provocadas pelo pós-modernismo, sobre as quais ressaltam a teoria feminista pós-estruturalista, análises pós-colonialistas, Teoria Ator-Rede (TAR) e análise desconstrutiva de discursos e narrativas sobre conhecimento.

Sobre a teoria feminista pós-modernista, Calvert e Ramsey (1992), pelo estudo *Bringing Women's Voice to Research on Women in Management: A Feminist Perspective*, buscaram propor uma abordagem que tomasse como ponto de partida as perspectivas e experiências das mulheres, que segundo eles, poderiam fornecer novas suposições sobre organizações, suas estruturas e funções. As autoras destacam que o pós-modernismo é compatível com o pensamento feminista, ao considerar que ambos buscam desafiar suposições, teorias e metodologias dominantes. Ressaltam ainda que o pensamento pós-moderno possibilitou aos feministas o reconhecimento de que a maior parte do que é tido como feminino e masculino é na verdade socialmente construído. Em outras palavras, é necessário se entender gênero de maneira mais ampla, sendo incluídos aspectos como relações sociais, símbolos, discursos e relações de poder (Cappelle, Melo, Brito, & Brito, 2004).

Ao tratar especificamente da teoria pós-colonialista, Young (2016) define pós-colonial como o marco dos fatos históricos da descolonização e conquista da soberania, assim como das realidades emergentes de um novo contexto imperialista de dominação econômica e até mesmo política. Tendo em vista tal contexto, o autor aponta como enfoque da pós-colonialidade, as condições econômicas, materiais e culturais, às quais as nações pós-coloniais são submetidas, que acabam por intensificar um sistema global voltado aos interesses do capital internacional e das nações mais influentes. Assim, o pensamento pós-

colonial visa, primordialmente, gerar reflexões acerca dos impactos advindos da colonização em culturas e sociedades (Alcadipani & Rosa, 2010).

Ao abordar a Teoria Ator-Rede, Latour (2012) enfatiza que esta abordagem só recebeu atenção devido ao advento do pós-modernismo, que confrontou a promoção de uma ciência desacreditada, assim como uma política embasada na ciência. A TAR ganha destaque ao se mostrar como uma resposta à necessidade de conexões pelo “Ocidente” com o restante do mundo, a fim de garantir sua sobrevivência futura frente a uma realidade cada vez mais competitiva, marcada pela tecnologia (Latour, 2012). Para Latour (2012) é a rede entre humanos e não-humanos que constitui o coletivo, ao passo que *actantes* não-humanos também geram impactos no mundo. Sobre isso, Law (2006) esclarece que a TAR não desconsidera as peculiaridades humanas no que tange ao corpo e a vida interna, mas defende que os atributos convencionalmente tidos como humanos só se realizam através das relações entre humanos e não-humanos.

Finalmente, sobre a análise desconstrutiva de discursos e narrativas sobre conhecimento, Kilduff (1993) afirma que esta tem por intuito enfraquecer ideias como a objetividade do argumento e o progresso da ciência, não no sentido de evitar a ciência, abolir a verdade, a lógica ou a filosofia, mas sim para questionar como estes conceitos são dispostos no texto, excluir certas categorias de pensamento e comunicação, assim como, integrar nos debates questões complexas até então suprimidas ou desconsideradas. Para Derrida (1967) toda palavra, predicado, conceito e significação pode passar pela desconstrução. Lengler, Vieira e Fachin (2002) apontam a desconstrução como uma forma de explicitação de relações entre poder, ideologia, historicismo e dominação, com o intuito de expor a visão dos oprimidos. No entanto, Kilduff (1993) ressalta que a linguagem apresenta significados que não podem ser controlados pelo escritor, de modo que este acaba por replicar aspectos criticados por si próprio. Tendo isto em vista, a autora defende que as desconstruções apresentam ambiguidade, sendo marcadas tanto por exaltações quanto condenações feitas pelo escritor ao próprio texto.

3. Metodologia

O objetivo do presente estudo foi verificar o escopo acadêmico de publicações sobre as organizações na pós-modernidade, entre os anos de 2000 e 2018. Para tal fim, abordamos o problema de pesquisa de maneira quantitativa, descrevendo a realidade de forma numérica mediante a consideração do período proposto. As pesquisas de natureza quantitativa

caracterizam-se pela quantificação e mensuração dos dados analisados por meio de cálculos matemáticos (Marconi & Lakatos, 2010; Pradanov & Freitas, 2013; Pereira, Shitsuka, Perreira, & Shitsuka, 2018). Trata-se de uma pesquisa de caráter descritivo, realizada com documentos tratados cientificamente, tais como artigos, o que a configura como uma pesquisa bibliográfica (Kauark, Manhães & Medeiros, 2010).

Sobre as técnicas de coleta e análise dos dados, optou-se pelo uso da análise bibliométrica, uma vez que esta possibilita a identificação e sistematização de pesquisas já publicadas, a fim de se endereçar os problemas ainda não solucionados a pesquisas futuras (Chueke & Amatucci, 2015). A partir disso, visando trazer maior rigor e transparência metodológica ao presente estudo foi estabelecido um protocolo de atividades (Tabela 1):

Tabela 1 - Protocolo de operacionalização do trabalho.

Fase	Processo	Descrição
(1) Criação do banco de dados	(1) Delimitação do tema	1.1. Leitura prévia da literatura científica 1.2. Proposta primária de problema de pesquisa 1.3. Leitura aprofundada da literatura científica 1.4. Reformulação do problema de pesquisa
	(2) Seleção e organização dos dados	2.1. Escolha da base de dados 2.2. Proposta de descritores para a busca com base na literatura científica 2.3. Busca preliminar para a confirmação de descritores 2.4. Busca final para a composição do conjunto de textos 2.5. Etapas de Filtragem 2.6. <i>Download</i> dos dados para uso em <i>software</i> de planilha eletrônica 2.7. <i>Download</i> dos dados para uso no <i>software VOSviewer</i>
(2) Análise dos dados	(3) Análise, discussões e interpretações	3.1. Análise do volume de publicações 3.2. Análise dos países que os estudos são oriundos 3.3. Análise dos principais veículos de publicação 3.4. Análise dos artigos mais citados 3.5. Análise dos termos mais recorrentes 3.6. Análise dos autores mais citados 3.7. Matriz da agenda de pesquisas futuras
(3) Apresentação dos dados	(4) Elaboração do texto final	4.1. Escrita prévia do artigo 4.2. Correção ortográfica e gramatical 4.3. Escrita final do artigo

Fonte: Autores (2020)

Conforme exposto na Tabela 1, os procedimentos resumem em três fases: criação, análise e apresentação dos dados. A etapa de criação do banco de dados consiste na delimitação do tema, bem como a seleção e organização dos dados. Na fase de análises, os dados são trabalhados e interpretados, de modo produzir resultados para o processo de

discussão. Por fim, a fase de apresentação dos dados, a qual consiste na construção, revisão e formatação do artigo.

3.1 Estratégias de busca, etapas de filtragem e ferramentas de análise

Os textos que compuseram a unidade de análise do presente estudo foram recuperados da principal coleção da base de dados *Web Of Science* (WoS), posto que essa base permite o acesso a mais de 12.0000 periódicos. Os resultados foram obtidos restringindo apenas aos artigos publicados entre 2000 e 2018, em decorrência do que fora justificado na introdução, tendo por suporte Calás e Smircich (1999b). Aos descritores foram somados os operadores booleanos “AND” e “OR” (o primeiro com vistas a restringir os dados à estudos realizados em organizações, e o segundo com o objetivo de abranger textos com termos aproximados) para formar o algoritmo de busca. Deste modo, a *string* de busca foi estabelecida conforme apresentado pela Tabela 2.

Tabela 2 – *String* de busca.

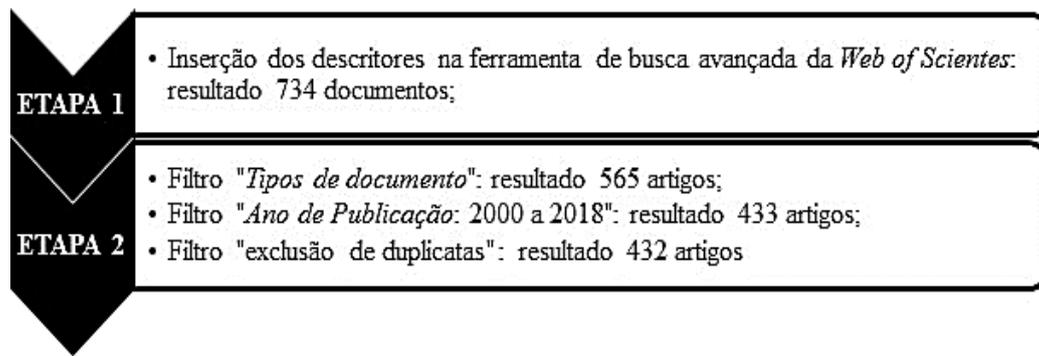
TS = (postmodern* OR pos_modern*) AND TS=(organi?a*)

Fonte: Autores (2017).

A partir disso, os descritores e suas possíveis variância, decorrentes de mudanças em sufixos ou letras específicas, foram buscados nos tópicos dos documentos, ou seja, títulos, resumos e palavras-chave (Tabela 2). Após a inserção do algoritmo de busca no sistema de “Busca Avançada” da *Web of Science*, resultou em retorno de 734 documentos, incluindo artigos, resenhas, livros, dentre outros.

Devido a busca por manter o rigor metodológico durante a realização da pesquisa, bem como atender o objetivo proposto, utilizamos os seguintes processos de filtragem (Figura 1): (a) “Tipos de documento”, em que delimitamos apenas para a categoria “artigos”, e obtivemos o resultado de 565; (b) “Anos de publicação” entre 2000 e 2018 e tivemos o retorno de 433 artigos; e (c) “Exclusão de artigos duplicados”, os quais se observou a presença de um artigo nesta condição, resultando em 432 artigos.

Figura 1 – Processo de filtragem.



Fonte: Autores (2017).

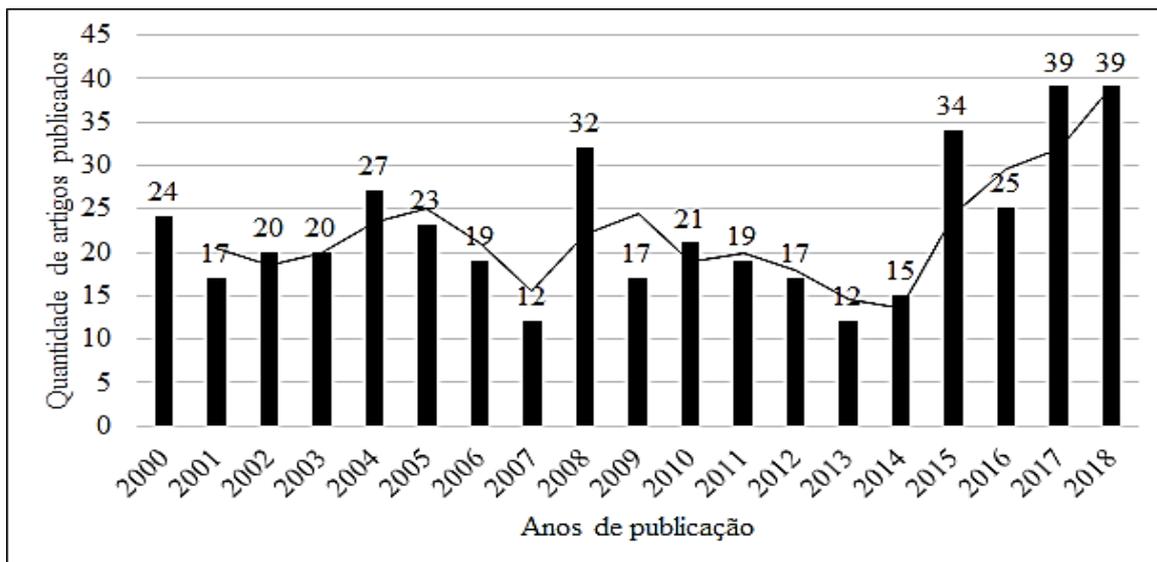
O processo de filtragem (Figura 1), que envolvia a busca dos textos e a obtenção dos dados, ocorreram entre dois e cinco de junho de 2019. Após a recuperação dos textos, foi realizado o *download* dos dados da plataforma, e com o auxílio do *software* de planilha eletrônica, estes dados foram estruturados e parte das análises foi realizada. Para as demais análises, foi utilizado o *software VOSviewer*.

4. Resultados e Discussões

Na presente seção apresentamos os resultados da pesquisa e realizamos algumas considerações. Salientamos que não podemos afirmar que estamos cobrindo toda a literatura científica sobre o tema, uma vez que há documentos publicados em veículos de publicação não indexados à WoS. Contudo, em vez de conjecturarmos sobre a possibilidade de inclusão de outros artigos, dedicamo-nos a analisar os dados encontrados, tendo em vista sua representatividade quantitativa em relação à literatura científica sobre o tema.

Os dados revelam que no período proposto, houve uma inconstância no número de publicações (Figura 2). A partir de 2017, porém, parece haver um início de regularidade nas publicações, o que pode indicar um movimento positivo nos próximos anos. Caso se confirme, isso poderia ser interpretado como um sinal de que o tema tem recebido a atenção dos pesquisadores, mesmo se considerarmos os anos mais recentes. Os estudos organizacionais podem se valer de análises da pós-modernidade, por ser um período de fragmentação social (Bauman, 1998), o que, embora dificulte as análises, gera um campo amplo e rico para atuação. Os anos de 2007 e 2013 apresentaram 12 artigos cada, sendo estes, os anos de menor intensidade nas publicações.

Figura 2 - Oscilação das publicações no tema entre 2000 e 2018.

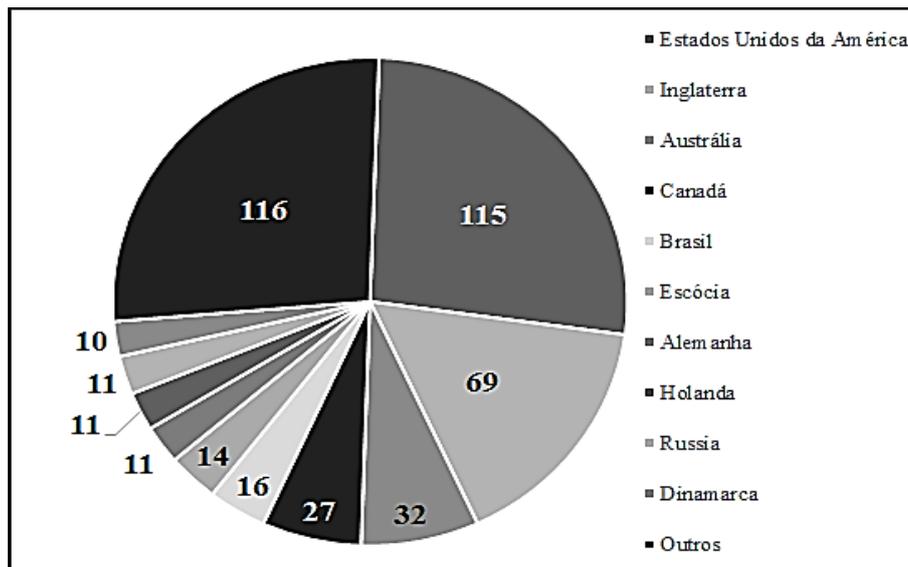


Fonte: Autores (2020).

Como apresentado na Figura 2, o ano de 2018 apresentou 39 artigos, assim como o ano imediatamente anterior. Analisando as colunas e a linha de tendência, podemos conjecturar que há um movimento ascendente no número de publicações a partir de 2014, e que nos próximos anos, esse número ainda pode aumentar. Esse movimento sugere o interesse por parte da academia sobre as mudanças tecnológicas e nas comunicações que fragmentam as relações sociais, desestruturando o convívio, e nos levando à “modernidade líquida”, proposta por Bauman (1998).

Os estudos são oriundos de diversos países (Figura 3), o que demonstra o interesse dos pesquisadores sobre o tema em diversas localidades. Contudo se nota a hegemonia estadunidense nas publicações sobre as organizações na pós-modernidade, sendo que mais de 25% dos artigos recuperados são oriundos deste país. Barros e Carrieri (2015) reconhecem que os estudos de origem anglo-saxônica são notadamente valorizados por países periféricos, o que configura um processo de replicação constante. Corroborando com os autores supracitados, os dados mostram que Estados Unidos, Inglaterra, Austrália e Canadá juntos, somam mais da metade das publicações estudadas.

Figura 3 - Países de origem dos artigos.



Fonte: Autores (2020).

Conforme apresentado na Figura 3, o Brasil se posiciona em quinto lugar em número de publicações sobre a temática, com cerca de 16 artigos publicados (Figura 3). Há de se notar, porém, que muito provavelmente o Brasil capitaneia diversos outros estudos sobre as organizações na pós-modernidade, contudo, vários de nossos periódicos não são indexados à base de dados WoS, o que torna tais artigos confinados à pesquisa nacional. Na área de avaliação de Administração Pública e de Empresas, Contabilidade e Turismo, proposta pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) o fenômeno é ainda mais preocupante, como sugeriram Saes, Mello e Sandes-Guimarães (2017).

Dentre os veículos de publicação, 10 deles se destacaram por abarcarem juntos mais de 23% dos artigos (Tabela 3). O periódico Organization apresentou 22 textos publicados sendo o *journal* que mais publicou artigos no tema.

Tabela 3 - Principais veículos de publicação.

Veículos de publicação	Nº.	%	ISSN	FI (2017)
<i>Organization</i>	22	5,09	1350-5084	2.701
<i>Journal of Organizational Change Management</i>	18	4,17	0953-4814	1.185
<i>Organization Studies</i>	13	3,01	0170-8406	3.133
<i>Public Relations Review</i>	11	22,55	0363-8111	1.616
<i>Human Relations</i>	10	2,31	0018-7267	3.367
<i>Academy of Management Review</i>	6	1,39	1930-3807	10.632
<i>Journal of Management Inquiry</i>	6	1,39	1552-6542	1.793
<i>Journal of Business Ethics</i>	5	1,16	0167-4544	2.917
<i>Systems Research and Behavioral Science</i>	5	1,16	1092-7026	1.052
<i>Tomsk State University Journal</i>	5	1,16	1561-7793	-
Soma parcial de artigos	101	23,38		
Artigos publicados em outros periódicos	331	76,62	FI Médio	2.840
Número total de artigos	432	100		

Nota: A coluna “N.” traz a quantidade de artigos publicados por cada periódicos; a coluna “%” traz o percentual respectivo; a coluna “FI (2017)” representa o Fator de Impacto dos periódicos na categoria *management*, sem autocitação.

Fonte: Autores (2020).

Foram representados no total 290 *journals* (incluindo os dez relatados na Tabela 3), sendo que três deles tiveram quatro publicações; sete apresentaram três publicações cada; vinte e oito periódicos veicularam dois artigos cada; e, finalmente, 242 veículos de publicação apresentaram apenas um artigo, cada. Os principais artigos, segundo o número de citações recebidas são apresentados na Tabela 4, abaixo. O artigo *Beyond neopositivists, romantics, and localists: a reflexive approach to interviews in organizational research* recebeu 404 citações, e teve média de 23,76 citações por ano.

Tabela 4 - Principais artigos, segundo o número de citações recebidas.

Título	Ano	T. Cit.	M. Cit.
<i>Beyond neopositivists, romantics, and localists: A reflexive approach to interviews in organizational research</i>	2003	404	23,76
<i>Brand community of convenience products: new forms of customer empowerment - the case my Nutella The Community</i>	2006	305	21,79
<i>Peripheral vision</i>	2005	299	19,93
<i>The sublime object of entrepreneurship</i>	2005	183	12,2
<i>Situational analyses: Grounded theory mapping after the postmodern turn</i>	2003	172	10,12
<i>Theories of gender in organizations: A new approach to organizational analysis and change</i>	2000	166	8,3
<i>Reflecting on reflexivity: Reflexive textual practices in organization and management theory</i>	2008	160	13,33
<i>ISO 9000: Outside the iron cage</i>	2003	151	8,88
<i>Learning/becoming/organizing</i>	2005	143	9,53
<i>Ontology in organization and management studies: a critical realist perspective</i>	2005	141	9,4
Soma dos principais artigos	-	2124	137,24

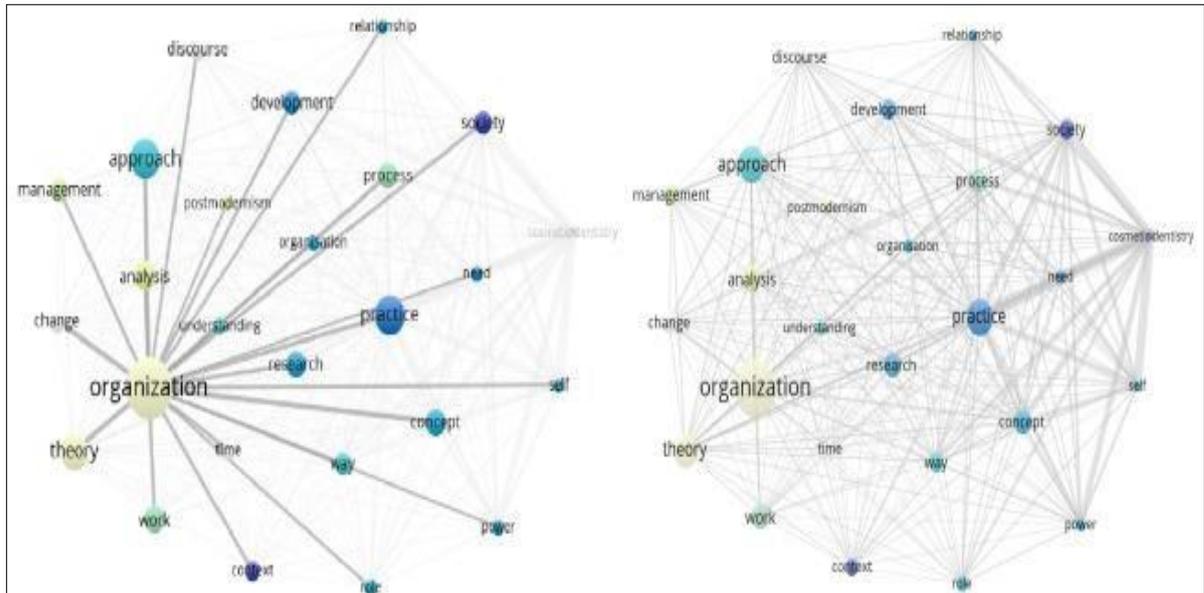
Nota: A coluna “T. CIT” traz o total de citações de cada artigo até a data de realização da pesquisa; a coluna “M. CIT.” traz a média de citações de cada artigo por ano.

Fonte: Autores (2020).

Interessante observar que o artigo *Theories of gender in organizations: a new approach to organizational analysis and change* não se configura como o mais citado, mesmo sendo o mais antigo dentre todos os principais apresentados (Tabela 3). Calás e Smircich (1999b) sugeriram que dentre as abordagens que se destacam nos estudos na pós-modernidade, o gênero, mais especificamente, estudos feministas, compõem uma das correntes teóricas de maior importância. Isso porque, tanto o pós-modernismo, quanto o pensamento feminista, buscam desafiar suposições, teorias e metodologias dominantes (Calvert & Ramsey, 1992).

Observamos também os termos mais utilizados pelos pesquisadores, de um total 11.354 palavras presentes nos títulos, resumos e palavras-chave de todos os artigos, 31 ocorreram pelo menos em 50 documentos diferentes. Desses 31 termos, optamos por não incluir *study* (262 ocorrências), *article* (238 ocorrências), *paper* (189 ocorrências), *analysis* (181 ocorrências), *author* (112 ocorrências) e *field* (90 ocorrências) por entendermos que tais palavras não contribuem para a proposta do presente estudo, restando assim, 25 termos (Figura 4), que configuram um amplo campo de temas que têm sido discutidos nos estudos organizacionais na pós-modernidade.

Figura 4 - Rede de termos mais utilizados pelos autores.



Fonte: Autores, adaptado do *software VOSviewer* (2020).

Como podemos perceber na Figura 4, 23 termos se ligam diretamente ao termo “*organization*” (386 ocorrências), o que pode sugerir que os estudos organizacionais na pós-modernidade (enquanto período sócio-histórico) têm abarcado cada vez mais novos temas, como por exemplo estudos baseados na prática (Pimentel & Nogueira, 2018), mudança organizacional (Marques, Borges & Reis, 2016), papéis nas organizações (Oliveira & Fontes Filho, 2017), poder (Kanan, 2010), dentre outros. Dentre os autores mais relevantes (Figura 5), optamos por apresentar apenas os que foram citados em três textos ou mais.

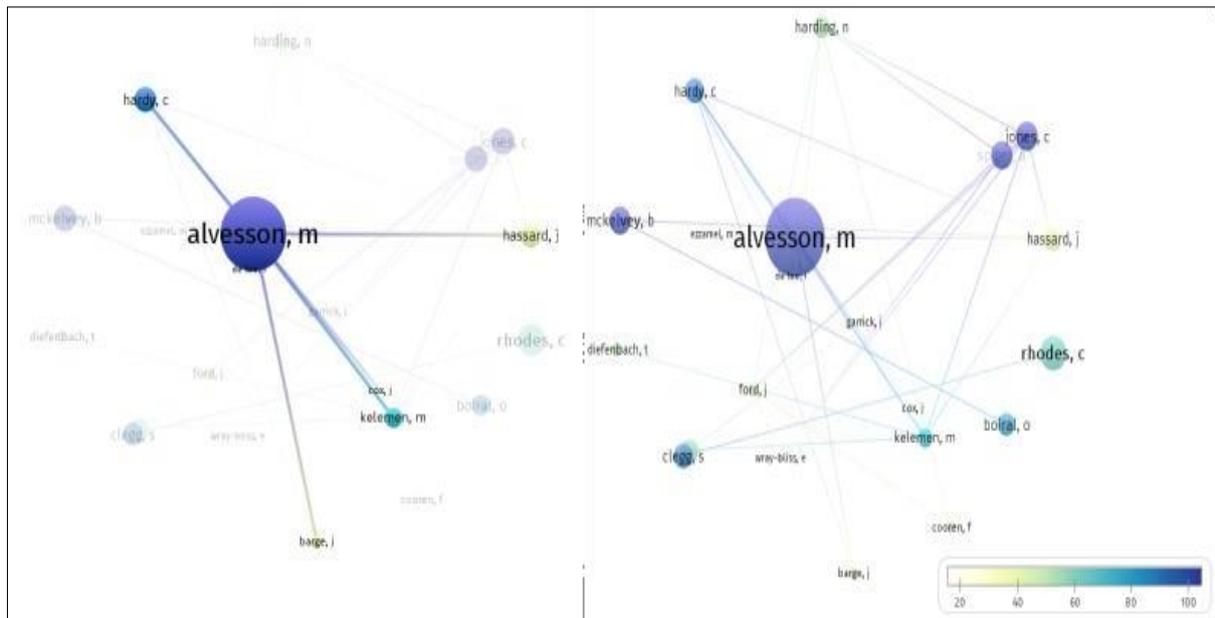


Figura 5 - Rede de citações de autores.

Fonte: Autores, adaptado de *software VOSviewer* (2020).

Observamos na Figura 5, que Mats Alvesson recebeu o maior número de citações (564 ocorrências). Esse autor é um dos maiores expoentes nas discussões sobre estudos organizacionais na pós-modernidade, sendo ele, muitas vezes, irônico em seus trabalhos ao discutir a sua própria relevância nos estudos organizacionais pós-modernos (Lima, 2011). Embora Alvesson seja o mais citado, John Hassard foi o autor que mais esteve presente em textos diferentes. Acreditamos que esse fenômeno se deva ao posicionamento de Hassard e Julie Wolfram Cox (2013) sobre a possibilidade de reinterpretação à incomensurabilidade paradigmática proposta por Burrell e Morgan (1979), discutida sob uma perspectiva metateórica que vai além da tradicional visão sociológica de agência e estrutura.

A fim de construir uma agenda para estudos futuros, reunimos as propostas dos pesquisadores nos artigos mais citados em cada um dos últimos cinco anos. Na Tabela 5 apresentamos as propostas identificadas em cada ano, seus respectivos autores, assim como o número de citações pelos trabalhos.

Tabela 5 - Agenda para estudos futuros.

Propostas para pesquisas futuras	Citações	Autor(es)/ano
Realizar estudos de gêneros nos estudos organizacionais, tendo em vista novas perspectivas e buscando mudanças no caráter do conhecimento que até então apresenta certa dominação do conhecimento masculino. Frente a isso, os autores sugerem a escrita bissexual como um possível meio para minimizar essa predominância do conhecimento masculino.	59	Phillips, Pulen & Rhodes (2014)
Utilizar das perspectivas pós-modernistas para entender as implicações das mídias sociais baseadas no poder e no discurso.	9	Kennedy & Sommerfeldt (2015)
Apresentam três caminhos-chave para pesquisas futuras sobre contradições e paradoxos organizacionais: aguçar o foco no tempo, repensar as noções de racionalidade e explorar a interação entre ordem e desordem; os quais, mostram-se promissores para o avanço de uma lente constitutiva através da integração das dimensões desenvolvimentistas e sócio históricas do tempo, privilegiando as emoções e visões não-rationais das tensões, e adotando uma lógica da diferença que abrange ordem e de ordem em processos paradoxais.	89	Putman, Fairhurst & Banghart (2016)
Explorar as questões de comparabilidade da versão G4 da estrutura do relatório <i>Global Reporting Initiative</i> (GRI), lançada em maio de 2013. Explorar a suposição de que as mudanças introduzidas na nova versão podem ter melhorado a mensurabilidade e comparabilidade de determinados indicadores, com enfoque em relatórios GRI G4 do mesmo setor de atividade, mesmo nível de aplicação e abrangendo um período de 2 ou 3 anos.	12	Boiral & Henri (2017)
Realizar estudos empíricos sobre ciência dos jogos, tendo em vista sua utilidade na capacitação dos jogadores, com ênfase na construção de conhecimento explícito e tácito sobre problemas bem e mal definidos.	10	Klabbers (2018)

Fonte: Autores (2020).

Como se observa na Tabela 5, a agenda de pesquisa para os próximos anos nos estudos organizacionais na pós-modernidade contempla temas que não receberam destaque no último século, como aprendizagem e sustentabilidade, mas também, retomam temas já discutidos (como o gênero, por exemplo) trazendo uma nova abordagem ao contexto atual. A inclusão de novos temas e a retomada de temas já discutidos com uma nova roupagem, sugerem que a pós-modernidade ainda tem recebido atenção da academia, que busca articular esse campo de estudo, com vistas ao desenvolvimento dos estudos organizacionais.

5. Conclusão

No presente trabalho, buscamos responder à questão de pesquisa “qual tem sido o escopo da produção científica sobre as organizações na pós-modernidade no novo milênio?”. Com base nos dados, observamos que os estudos organizacionais na pós-modernidade ainda têm recebido a atenção da academia, o que configura uma nova realidade ao século XXI, apesar da afirmação de Calás e Smircich (1999b) acerca do tema no século XX. Nesse sentido, as abordagens dos estudos organizacionais são retomadas e reformuladas a fim de explicar o contexto social (Reed, 1999; Astley & Van de Ven, 2005; Hatch, 2011).

Dentre os anos de 2000 e 2018, vimos um crescimento no número de publicações sobre o tema, e, com isso, supomos que esse número tende a crescer, abarcando cada vez mais novos temas, como por exemplo estudos baseados na prática (Pimentel & Nogueira, 2018), mudança organizacional (Marques et al., 2016), papéis nas organizações (Oliveira & Fontes Filho, 2017), poder (Kanan, 2010), dentre outros, como pôde ser visto na rede de termos mais utilizados.

Quando analisamos as propostas de trabalhos futuros, observamos que os autores sugerem estudos sobre sustentabilidade e aprendizagem como novos temas que devem ser incluídos às discussões dos estudos organizacionais na pós-modernidade, além de remontarem à temas já tratados no século XX, tal que recebam novos aportes teóricos. Assim, propomos aos pesquisadores o desenvolvimento de pesquisas empíricas utilizando o aporte dos estudos organizacionais pós-modernos em áreas emergentes, como: startups, redes sociais, economia circular, entre outros, bem como, ainda sugerimos a realização de pesquisas comparativas envolvendo temas já trabalhados, como, por exemplo, o gênero.

O presente estudo se limita por analisar quantitativamente artigos presentes em apenas uma base de dados. Sendo assim, como proposta de estudos futuros, sugerimos que novos trabalhos quantitativos sejam realizados incorporando-se outras bases de dados, eventos e documentos que não sejam apenas artigos científicos. Sugerimos, ainda, que uma análise qualitativa seja feita, a fim de se identificar como os estudos organizacionais na pós-modernidade têm sido aplicados. Abre-se também a possibilidade de analisar cada tema específico com maior afinco, como por exemplo o feminismo, dissecando esse ou outros temas através de revisões integrativas.

Por fim, observamos que o trabalho contribui teoricamente, ao mapear o campo do conhecimento acerca dos estudos organizacionais na pós-modernidade no novo milênio, ao evidenciar os autores mais citados, os temas mais recorrentes, bem como uma agenda de

pesquisa para estudos futuros. Em termos gerenciais, o estudo contribui para uma melhor compreensão dos gestores sobre os efeitos da pós-modernidade nas organizações, abrindo um rol para discussões mais complexas, como: poder, subjetividade, identidades fragmentas e enfoque em múltiplas vozes.

Referências

Alcadipani, R., & Rosa, A. R. (2010). O pesquisador como o outro: uma leitura pós-colonial do "Borat" Brasileiro. *Revista de Administração de Empresas*, 50(4), 371- 382.

Alvesson, M., & Deetz, S. (1999). Teoria Crítica e abordagens pós-modernistas para estudos organizacionais. Clegg, Sr., Hardy, C., & Nord, W. (orgs.). *Handbook de estudos organizacionais*. São Paulo: Atlas.

Astley, W. G., & Van de Ven, A. H. de. (2005). Debates e Perspectivas Centrais na Teoria das Organizações. *Revista de Administração de Empresas*, 45(2), 70-91.

Barros, A., & Carrieri, A. P. (2015). O cotidiano e a história: construindo novos olhares na administração. *Revista de Administração de Empresas*, 55(2), 151-161.

Bauman, Z. (1999). *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

Burrell, G., & Morgan, G. (1979). *Sociological paradigms and organizational analysis*. London: Heinemann Educational Books.

Calás, M. B., & Smircich, L. (1999a). Do ponto de vista da mulher: abordagens feministas em estudos organizacionais. In: Clegg, S., Hardy, C., & Nord, W. (Orgs.). *Handbook de estudos organizacionais*, 1, 275-329. São Paulo: Atlas.

Calás, M. B., & Smircich, L. (1999b). Past postmodernism? Reflections and tentative directions. *Academy of Management Review*, 24(4), 649-71.

Calvert, L., & Ramsey, J. V. (1992); Bringing women's voice to research on women in management: a feminist perspective. *Journal of Management Inquiry*, 1(1), 79-88.

Cappelle, M. C. A., Melo, M. C. D. O. L., Brito, M. J. M., & Brito, M. J. D. (2004). Uma análise da dinâmica do poder e das relações de gênero no espaço organizacional. *Revista de Administração de Empresas*, 3(2), 1-17.

Chueke, G. V., & Amatucci, M. (2015). O que é bibliometria? Uma introdução ao Fórum. *Internext*, 10(2), 1-5.

Cooper, R., & Burrell, G. (2006). Modernismo, pós-modernismo e análise organizacional: uma introdução. *Revista de Administração de Empresas*, 46(1), 87-101.

Derrida, J. (1967). *Writing and difference*. Chicago: University of Chicago Press.

Donaldson, L. Teoria da contingência estrutural. (1999) In: Clegg, S., Hardy, C., & Nord, W. (orgs.). *Handbook de Estudos Organizacionais*. São Paulo: Atlas.

Fayol, H. (1949). *General and industrial management*. London: Pitman.

Hassard, J., & Wolfram Cox, J. (2013). Can sociological paradigms still inform organizational analysis? A Paradigm Model for Post-Paradigm Times. *Organization Studies*, 34(11), 1701–1728.

Hatch, M. J. (2011). *Organizations: a very short introduction* (Vol. 264). Oxford: Oxford University Press.

Kallinikos, J. (2004). The social foundations of the bureaucratic order. *Organizations*, 11(1), 13-36.

Kanan, L. A. (2010). Poder e liderança de mulheres nas organizações de trabalho. *Organizações & Sociedade*, 17(53), 243-257.

Kauark, F. S, Manhães, F. C., & Medeiros, C. H. (2010). *Metodologia da Pesquisa: um guia prático*. Itabuna: Via Litterarum.

Kilduff, M. (1993). Deconstructing Organizations. *The Academy of Management Review*, 18(1), 13-31.

Latour, B. (2012). *Reagregando o Social*. Salvador: EDUFBA-Edusc.

Law, J. (2006). Traduction /Trahison: notes on ANT. *Convergencia*, 13(42), 47-72.

Lengler, J. F. B., Vieira, M. M. F., & Fachin, R. C. (2002). Um exercício de desconstrução do conceito e da prática de segmentação de mercado inspirado em Woody Allen. *Revista de Administração de Empresas*, 42(4), 84-93.

Lima, L. A. de. (2011). A representação das múltiplas dimensões paradigmáticas no estudo da administração: um ensaio sobre os limites contidos nas defesas paradigmáticas excludentes. *RAC - Revista de Administração Contemporânea*, 15(2), 198- 208.

Lima, L. C. de., Pereira, N. de S., Evaristo, J. L. de S., & Batista-dos-Santos, A. C. (2020). The dimension management in the theory of organizations. *Research, Society, and Development*, 9(11), 1-24.

Lyotard, J. F. (1986). *O pós-moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio.

Marconi, M. A., Lakatos, E. M. (2010). *Fundamentos de Metodologia Científica* (7 ed.). São Paulo: Atlas.

Marques, A. L., Borges, R., & Reis, I. C. (2016). Mudança organizacional e satisfação no trabalho: um estudo com servidores públicos do estado de Minas Gerais. *Revista de Administração Pública*, 50(1), 41-58.

Mattos, P. L. C. L. (2009). “Administração é ciência ou arte?” O que podemos aprender com este mal-entendido? *Revista de Administração de Empresas*, 49(3), 349- 360.

Miller, S. J., Hicskon, D. J., & Wilson, D.C. (2004). A tomada de decisão nas organizações. In: Hardy C., Clegg S.R., & Nord W.R. (org.). In: *Handbook de estudos organizacionais*. São Paulo: Atlas, 2004. 1, 282-310.

Oliveira, C. B., & Fontes Filho, J. R. (2017). Problemas de Agência no Setor Público: o papel dos intermediadores da relação entre Poder Central e Unidades Executoras. *Revista de Administração Pública*, 51(4), 596-615.

Pereira, A. S., Shitsuka, D. M., Perreira, F. J., & Shitsuka, R. (2018). *Metodologia da pesquisa científica* (1 ed.). Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria/NTE.

Pradanov, C. C., & Freitas, E. C. D. (2013). *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. Rio Grande do Sul: Feevale.

Pimentel, R., & Nogueira, E. E. S. (2018). Estudos baseados na prática: possibilidades metodológicas para pesquisas em estudos organizacionais. *Revista Organizações & Sociedade*, 25(86), 350-370.

Reed, M. (2010). Teorização organizacional: um campo historicamente contestado. In: Clegg, S., Hardy, C., & Nord, W. R. (orgs.). *Handbook de Estudos Organizacionais*. São Paulo: Atlas.

Silveira, V. N. S. (2008). Racionalidade e Organização: as múltiplas faces do enigma. *Revista de Administração Contemporânea*, 12(4), 1107-1130.

Simon, H. A. (1950). Administrative behavior. *AJN The American Journal of Nursing*, 50(2), 46-47.

Taylor, F. W. (1915). *The principles of scientific management*. New York: Harper & Brothers.

Urwick, L. F., & Brech, E. F. L. (1947). *The making of scientific management* (vols. 1-3). London: Management Publications Trust.

Vieira, M. M. F., & Caldas, M. P. (2006). Teoria crítica e pós-modernismo: principais alternativas à hegemonia funcionalista. *Revista de Administração de Empresas*, 46(1), 59-70.

Young, R. J. C. (2016). *Postcolonialism: an historical introduction*, Anniversary Edition.
John Wiley & Sons.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Marcelo Oliveira Júnior – 24%

Ana Luiza Cordeiro Pereira – 20%

Rafael Rodolfo Sartorelli Sadocco – 20%

Juliana de Oliveira Becheri – 18%

Alberdan José da Silva Teodoro – 18%